

Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida

Maria Helena Camara Bastos

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Pesquisadora do CNPq
mhbastos@pucrs.br

Maria Stephanou

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
mariast@terra.com.br



*Caderno, tu me retratas:
Hoje – o que sou me dizes;
Amanhã – tu me relatas
Da vida andada dos matizes.
(José Gritinas)¹*

a escrita é uma experiência humana milenar, inaugurada como prática individual e social sem precedentes. Inscreve os registros da memória, estrutura inúmeras ações do cotidiano, estabelece sociabilidades, produz uma *hexis* corporal e uma disposição cognitiva ímpares. Vários são os dispositivos para a escrita, ao longo da história, e pelo menos

¹ A epígrafe consta na primeira página de um caderno marca Caderflex, da década de 1960. O exemplar foi utilizado como caderno de temas de Português por um aluno do terceiro ano primário do Colégio Anchieta escola confessional particular de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Na folha de rosto há também outra epígrafe, de autoria de Rui Barbosa. Ambas estão abaixo do quadro de horário. Ao pé da página, há um pequeno espaço para inscrição do nome do aluno, matéria e professor. O caderno é de fabricação da Editorial Dom Bosco, de São Paulo.

desde o século XIX, a instituição escolar assumiu lugar preponderante em sua difusão, tornando-a imperativa para inúmeras práticas sociais das culturas logocêntricas.

A prática da escrita é também uma experiência que produz identidades: denota distinção social, posse de um capital cultural, indicia o grau de escolaridade e, enfim, a condição social, pelo maior ou menor domínio da habilidade gráfica, qualidade, estilo. Promove, portanto, inclusão ou exclusão social.

A caligrafia, assim como a escrita, é uma arte milenar, considerada, em geral, como arte de escrever com letra bela e bem formada. Por isso, representa o desenho de letras, palavras, números, habilidade técnica que ensina e permite produzir diferentes formas de escrita – itálica, lombarda, gótica, cursiva, *script*, capitular, etc., traçados que possibilitam o ato de escrever. A prática da caligrafia é uma das ações que integram o ensino da escrita. Busca aperfeiçoar e afinar os sentidos da mão e a ortopedia do corpo, condições fundamentais para desenvolver hábitos de ordem, disciplina e estética do texto. Tal processo de regulação da escrita é, também, mecanismo de regulação do corpo e instrumentalização do social.

No universo escolar, ensinar a escrever é tarefa imprescindível ao processo de alfabetização. O domínio da escrita implica um conjunto de saberes e habilidades complexas: não só identificar as letras do alfabeto, mas *desenhá-las* com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários. Além disso, coordenar o uso da folha branca, aprendendo a distribuir bem os

espaços. Para isso, o verbo imperativo nos primeiros estágios escolares de aquisição da escrita é praticar e realizar exercícios variados, didatizados pela escola.

A reflexão acerca das aprendizagens escolares, nos dizeres de Anne-Marie Chartier (2007, p.45), não pode “abstraí-las totalmente das condições “materiais” de sua realização, em particular dos suportes de escrita”. Do desenho das letras na areia² à escrita digital³, inúmeros suportes de escrita vêm sendo experimentados⁴. O formato da folha branca ou o modelo de caderno, por exemplo, limitam a grossura das letras e a altura das hastes (Ibid., p. 53). Desse modo, a escrita possuiu uma historicidade própria, seja pelos suportes, seja pelos modelos adotados: no século XIX, era recomendada a escrita inclinada; após 1920, a escrita reta com linhas oblíquas, depois verticais e sempre à esquerda, a linha vermelha da página pautada delimitando a margem reservada a quem a corrigiria (Ibid.). O próprio utensílio da escrita permite datar um texto: pena, lápis, caneta tinteiro, esferográfica, caneta hidrocor, etc. (Ibid., p.42).⁵

² Francisco de Paula Ferreira Rezende (1832-1893), na obra “Minhas recordações”, registra o que considera uma novidade da escola pública que freqüentou, da Campanha/MG: “essa novidade foi uma espécie de pequenas mesas cercadas de umas tabuletas as quais, cheias de areia bem lisa, serviam para nela se escrever ou se fazerem letras, em lugar de lousas ou papel” (1988, p.152).

³ Recentemente, a revista Nouvelle Observateur publicou uma pequena nota, intitulada “Les cahiers au feu”, em que analisa “quando os cadernos e o quadro negro serão substituídos pelo computador” (COSTE, 2008, p.47). Recentemente, uma equipe de engenheiros de São Paulo projetou a classe digital, em teste em uma escola pública, em que os alunos escrevem direto na classe, como faziam com a lousa. O professor tem a sua disposição o quadro digital. Giz e lousa não mais: o quadro é numérico e interativo, e ligado a programas específicos em todas as matérias. Sobre a trajetória da lousa ao quadro digital, ver Bastos (2005).

⁴ Em torno de 1900, os instrumentos mais utilizados para as lições de escrita foram: o caderno, a pena metálica (em uso a partir de 1860), o porta penas, as ponteiras, tinta e tinteiros.

⁵ Nem sempre a disponibilidade do instrumento representou sua adoção no espaço escolar. Por exemplo, na França, a caneta esferográfica foi utilizada desde o pós-guerra, mas seu uso na escola ocorreu somente em 1968, quando se constata uma mudança no ensino da escrita: “não havia mais mata-borrão nem tinteiro sobre as carteiras, não havia mais exercícios de manutenção para

Para Viñao Frago (1999, p.288) “uma tipologia histórica das técnicas de execução, utensílios e suportes de escrita excede a sua mera recompilação e conseguinte consideração da sua evolução material”, pois “afetam tanto a quem e como se escreve e [quanto a quem e como] se lê, isto é, as funções, usos e práticas sociais relacionadas com o escrito”.

As reflexões teóricas acerca da escrita sugerem, ainda, outra mirada. Vincent (1980, p.11), assinala que a lição de escrita é um exercício espiritual da pedagogia primária, pois, mais do que escrever, “deve formar o aluno atento, cuidadoso, aplicado, respeitando até ao detalhe de seus gestos a maneira de fazer o que lhe é imposto”. É grave, sério, ritual e visa não menos que a perfeição. Este ritual se decompõe numa sucessão invariável de gestos que faz o professor e que imitam os alunos, que aprendem pelo esforço, pela repetição, pela regularidade e pelo equilíbrio. Na construção de uma página de escrita, cada detalhe, por mais minúsculo que seja, é significativo e deve traduzir uma harmonia. Cada traço de estrutura tem sentido e beleza. O erro ou rasura denotam incúria, inaplicação e expressam inaptidão para o futuro de ser um bom aluno. A plenitude de uma página impecável que se obtém ao preço de uma longa prática é uma satisfação interior a qual o professor não se furta, assim como uma bela escrita é promessa de um belo futuro do aprendiz (GAULPEAU, 1981, p.63).

que a pena não espirrasse tinta, não havia mais traços espessos ou finos. A esferográfica mudou ao mesmo tempo os gestos gráficos e o imaginário social das práticas de escrita” (CHARTIER, 2007, p.42.).

Na escola, o exercício de copiar ou passar a limpo, transcrevendo uma primeira escrita, expressa um preenchimento consciencioso: ensina-se e aprende-se a ocupar cada linha de cada página, em sua densidade máxima de escrita, que deve respeitar os espaços entre as palavras e a pontuação, a harmonia dos traços constantes, evidenciando uma automatização dos gestos gráficos (HÉBRARD, 2001, p.125). Diversas práticas escolares denotam a didatização progressiva dos exercícios de aquisição dos gestos gráficos, corporais e morais, associados à ordem e disciplina.

Como ressalta Villela (2002), a página escrita passou a exigir uma disciplina rigorosa,

disciplina corporal a ser inculcada no aluno segundo regras invariantes; uma mecânica perfeita do gesto e da atitude. As pernas colocadas verticalmente. O corpo ereto sem rigidez, sem tocar a mesa. Cabeça um pouco inclinada à frente. Braço esquerdo mais avançado sobre a mesa, braço direito apoiado obliquamente, o cotovelo em volta da mesa. Caderno um pouco inclinado para a esquerda. Disciplina intelectual, ao mesmo tempo moral e estética, posto que trabalha um conjunto de procedimentos que são expressão de princípios harmoniosos, de certos domínios de ordem e conveniência e podem como tais contribuir à formação desse produto complexo e delicado da inteligência que se chama gosto. (p. 148)

Uma boa letra pressupunha praticar disciplinadamente, através de muito treino da mão e domínio de um tipo instrumental específico, destacando-se os traslados caligráficos, com modelos de letras e frases completas, a serem copiados até a perfeição. Heloísa Villela lembra, ainda, que havia as pautas impressas, com traçados próprios para delimitar a inscrição das letras que não

deveriam ultrapassar os limites prescritos, permitindo um treino da escrita uniforme e a composição de conjunto. Frente a essas pautas, as ardósias sofriam críticas por deixarem muito livre o traçado das letras, daí porque eram admitidas somente nas primeiras classes (Ibid, p. 149).

Ao longo da história, deparamos com vários modelos de letras e de cadernos de caligrafia. Com a difusão da instrução pública, a caligrafia ornamental cedeu lugar a um outro tipo de escrita, mais técnica e utilitária. A escrita cursiva foi mais valorizada pela rapidez, legibilidade e elegância. Ao lado da escrita cursiva, os programas do século XIX conservaram a escrita bastarda, menos ornamental que a gótica, mas igualmente solene, geralmente usada nos títulos, e a bastardinha, um tipo intermediário entre uma ou outra, usada em subtítulos.

Os cadernos de caligrafia, em geral, constituem conjuntos de folhas encadernadas em cuja primeira linha figura, ou será inscrito pelo professor, um modelo ou exercício de escrita que o discípulo deve copiar nas linhas seguintes. Outros possuem modelos, escritos a mão e logo fotogravados, que oferecem algum aspecto do movimento muscular. Há, ainda, os que têm o modelo na linha superior e, às vezes, outro no centro, com linhas em branco para os exercícios práticos⁶. Em 1911, Orestes O. Guimarães, no parecer sobre a Adoção de Obras Didáticas em Santa Catarina, sugere para aquisição, a compor a “Biblioteca dos Inspetores” e para uso dos Grupos Escolares, os seguintes manuais de caligrafia: Coleção de Cadernos de A. Barreto e Roca;

⁶ Ainda hoje, os cadernos de caligrafia são utilizados na escola, alguns, inclusive, assumindo a forma de livros didáticos, os conhecidos livros de exercícios do aluno. Há registros de diversos exemplares e modelos no Brasil, Portugal, França, Espanha, Venezuela.

Coleção de Cadernos da Escola Americana; Coleção de Cadernos de Caligrafia Vertical e a Coleção de Cadernos de Caligrafia Americana, de Francisco Vianna (1911, anexo1 e 3).

Manuais didáticos também foram escritos para ensinar a escrever com estilo. Vale destacar que a tarefa de ensinar a escrever bem supunha formar mestres competentes neste mister. Assim, para o ensino da escrita, na Escola Normal da Província do Rio de Janeiro (1868-1876), usaram-se os traslados de W. Schully e os de Ventura e Castaris. O primeiro era experimental e fundamentava-se na imitação e no desenho (VILLELA, 2002, p.149).

A necessidade de domínio da competência caligráfica pelos professores também é corroborada pela análise dos conteúdos da formação. No exame de admissão para a Escola Normal de São Paulo, em 1875, constavam como matérias a Pedagogia, a Doutrina Cristã e Caligrafia, cujos pontos detalhavam o conteúdo que o professor deveria dominar: letras primitivas e letras derivadas; formação das letras; letras maiúsculas e minúsculas e seus usos; Bastardo, Bastardinho e cursiva, e seus usos; modo de aparar a pena; posição do corpo, modo de pegar a pena, colocação do papel ou do livro; modos de traçar as letras; métodos de escrever; método de letra cursiva; primeiras lições de escrita; inclinação das letras; união das letras e espaço entre as palavras, bem como a divisão delas no fim da linha (MONARCHA, 1999, p. 98).

Aos professores, não bastava apenas a aquisição da competência caligráfica. Deveriam dominar os processos de seu ensino, ou melhor, a didática mais acertada para a obtenção do êxito junto aos aprendizes. O Dicionário de Buisson, no verbete *Ecriture*, descreve emblematicamente o

ritual que os professores deveriam seguir no ensino das letras: exposição e traçado em tamanho grande, no quadro negro; elementos gráficos ou letras a aprender; análise das partes que as compõem, delineados, traços cheios, hastes, fechos, dimensões, altura das letras, largura dos traços cheios (...); repetição desse traçado pelos alunos ao quadro, ou por movimentos da mão (...); exercícios de aplicação nos cadernos; correção (p. 527, t.1, apud VILLELA, 2002, p.151).

No Brasil, por exemplo, Lourenço Filho (1922, p.54), no artigo “Prática Pedagógica”, se refere à metodologia da caligrafia, que deve ser simultânea com o ensino da leitura, e deve abarcar: “os tipos de caligrafia e porque se deve preferir o aprendizado do tipo vertical”.

Voltemos à trilha dos manuais de escrita, que demonstram a atenção social e pedagógica dedicada a esta prática. Em 1915, publica-se o “Curso Graduado de Letra Manuscripta composto para uso da Mocidade Brasileira por um Rio-grandense” (nova edição, 107 p), que traz primeiras lições de caligrafia, alfabetos com letra inglesa, espanhola, francesa, gótica; números; abreviações; meses do ano; modelos de cartas (comerciais, articular); exercícios de leitura; textos para cópia (biografias, poemas, poesias, morais, lições de coisas, máximas e sentenças).

Outro exemplo é representado pelo “Método Palmer de Caligrafia Comercial”⁷, de A.N. Palmer, desenvolvido em 1888 e patenteado em 1894, que ainda é utilizado. Trata-se de uma “série de lições fáceis de escrita corrida por movimento muscular, com letra cursiva, simples e sem

⁷ Agradecemos ao colega Dr. Marcos Villela Pereira que, em viagem pela Venezuela (fevereiro de 2008), encontrou exemplares desse material à venda em um supermercado, o que evidencia sua utilização ainda hoje. Em 1912, foram vendidos um milhão de exemplares nos EUA.

sombra, para uso das Escolas públicas ou particulares que requerem um método de escrita corrente bem clara. Estas lições são também muito adequadas para quem deseja aprender em sua casa sem professor” (PALMER, s/d, p.1).

Além da formação dos mestres e da didatização representada pelos exercícios de escrita, notadamente da caligrafia, a operação escolar dirigida à aprendizagem das competências gráficas previa a seriação dos estágios de domínio da escrita. Em Niterói, em 1869, a escola masculina, inicialmente dirigida por Honorato Ignacio de Carvalho, que seguia o método “simultâneo-mútuo” ou “misto”, dividia-se em quatro classes de leitura e quatro classes de escrita: a 1ª, dos que traçam retas e curvas; a 2ª, dos que escrevem bastardo; a 3ª, dos que escrevem bastardinho; a 4ª, dos que praticam o cursivo (VILLELA, 2002, p. 105).

Cadernos de alunos de diferentes épocas constituem um observatório privilegiado das questões teóricas até aqui apontadas. Embora o acesso a esses cadernos seja considerado, em muitos casos e em relação a diversas experiências escolares, como quase impossível, o empreendimento de pesquisa que realizamos logrou alguns sucessos.

Dois conjuntos de cadernos de caligrafia, de circulação e uso na escola brasileira nas décadas de 1940 e 1950, são particularmente fecundos para o exame das práticas de caligrafia. Dos anos 40, o caderno de caligrafia de Rosa Maria Ramos, utilizado na cidade de Bom Jesus, Rio Grande do Sul. Representativos dos anos 50, os cadernos de caligrafia de Gladis Renate Weimer, estudante em Porto Alegre, capital do mesmo Estado.

As considerações, a seguir, detêm-se no exame da materialidade desses cadernos, dos processos de didatização do ensino da caligrafia e, portanto, da escrita, dos temas de escrita e complexidade dos traçados, assim como da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante do ato de escrever, particularmente como atributo imprescindível do sujeito escolarizado.

Cadernos de cali (boa) grafia (escrita): caligrafar gestos na escola e na vida

Só quando escrevo descubro exatamente o que estou pensando. Providenciar os apetrechos para a escrita, molhar a pena na tinta e traçar palavras, letra por letra, no papel, esse trabalho é essencial para transformar o abstrato em concreto.
(Scliar, 2005, p.46)

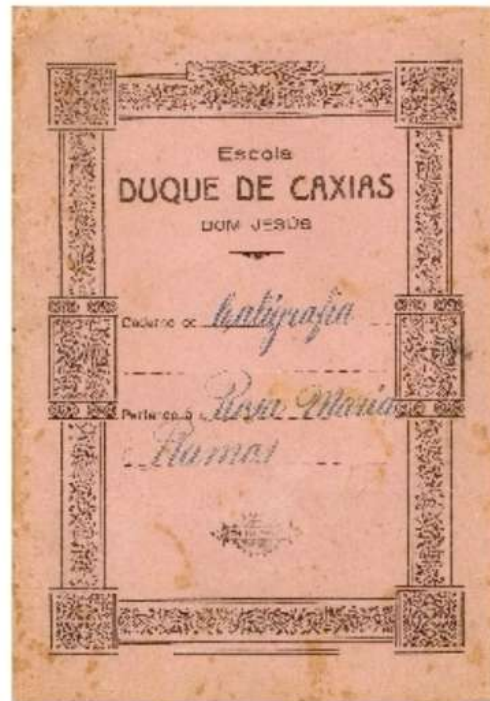
Para Grunstein (2007, p.5), a escrita tem um ritual: “no silêncio da classe, os dedos e a face se contraem, os olhos se franzem diante do esforço: o aluno acostuma-se à escrita. Antes a pena, agora o lápis, ele aprende a traçar as letras que se agrupam, formam palavras e frases, que expressam a tinta do seu coração. Um novo mundo se abre para ele. Para os alunos de ontem, como para os de hoje, esse tempo de aprendizagem é longo e difícil. Aprende a traçar primeiro as letras “petiettes” (i, j, r, t), depois as de “perninhas” (m, n, u, v), a seguir as “cheias” (a, b, d, p), e,

enfim, as “oblíquas” (x, y, z). A página escrita é considerada sinônima de disciplinamento de si, da mente e do corpo”.

Como terão sido os gestos das alunas que produziram os cadernos aqui examinados? Em que medida apropriaram-se das competências gráficas, cujos pareceres de professores assinalam o sucesso de seus aprendizados? Suas escrituras, ainda hoje, conservam as marcas dos atos de exercitar, praticar, repetir quase à exaustão as lições de letras e frases? Serão belas ou inteligíveis suas letras? Mais do que respostas a essas indagações, buscamos explicitar o âmbito alargado de problematizações que os cadernos suscitam.

O caderno de caligrafia de Rosa Maria Ramos⁸ foi preenchido em 1943 quando freqüentou a Escola Duque de Caxias, situada em Bom Jesus. A capa em cartolina rosa, traz impressa uma fita grega em preto, como elemento decorativo, além do nome da escola no alto da página, seguida das palavras “*Caderno de*” e “*Pertence a*”. O caderno foi fabricado pelas oficinas do Educandário Pão dos Pobres, de Porto Alegre/RS, nas dimensões de 23 x 16 cm, perfazendo 16 folhas.

⁸ O caderno pertence ao acervo da professora Lucila Maria Sgarbi Santos. Sobre esse caderno de caligrafia, ver Grazziotin; Gastaud (2006).



Capa do caderno de caligrafia de Rosa Maria Ramos (1943)

Trata-se de um caderno de linhas, especial para caligrafia - duas linhas largas, separadas por uma linha estreita, na qual a aluna escreve. Destina-se para treino da caligrafia com uso de caneta tinteiro, que exige firmeza e destreza distinta do uso do lápis, que pode ser apagado a qualquer momento. O uso da caneta tinteiro leva a crer que se trata de um caderno de uso na terceira série primária.

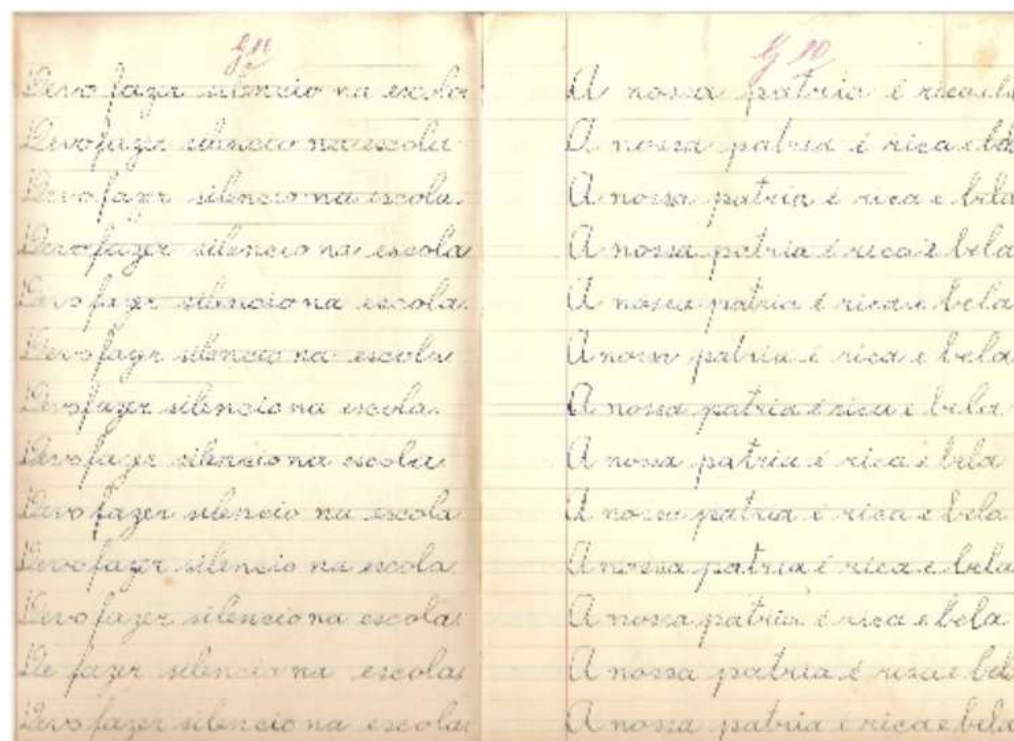
O caderno de Rosa mantém uma prática de escrita invariável. Cada página traz uma frase copiada treze vezes, em letra cursiva e com caneta tinteiro, e o registro do professor com a “nota” numérica, em vermelho. As notas variam de 8,5 a dez. Rosa, segundo o professor, parece ter

realizado as atividades de caligrafia de forma clara e limpa, pois lhe é atribuída nota máxima em 22 dos 32 exercícios. As cópias que não atingem a nota dez apresentam algumas palavras incompletas, rasuras da autora ou borrados de tinta. Ossanna (2002, p.216), analisando o tipo de letra que os alunos deviam aprender na Província de Entre Rios, Argentina, de finais do século XIX até meados do século XX, alerta que é conveniente recordar a prática, muito comum nas escolas da época, de fazer constar em separado, nos boletins escolares, as avaliações correspondentes à leitura, escrita, ortografia, caligrafia, etc., prática que persistiu por até recentemente. Assim, não causa surpresa a frequência dos registros de nota, e não apenas de acertos e erros, nos cadernos de caligrafia examinados neste estudo.

O exercício de repetição das frases é escrito nas linhas estreitas do caderno. A letra maiúscula do início da frase e utilizada nos nomes próprios ocupa também a linha larga acima da linha estreita. Há frases que não terminam, pois não há espaço na linha e, por isso, ficam incompletas – “Em silencio aprenderas com faci...”.

Grazziotin e Gastaud (2006) analisam as trinta e duas frases “casuais” do caderno de caligrafia de Rosa, e identificam três categorias: frases cívicas (“A nossa pátria é rica e bela”, “Salvemos a nossa pátria”); frases moralizantes (“Devemos aproveitar bem o tempo”, “Devo fazer silêncio na escola”); frases neutras (“A gaivota segue o vapor; “O Itagiba é um avião gaúcho”). O registro desses conteúdos de cópia e repetição caligráfica evidenciam que leitura e escrita não podem ser consideradas simples adornos instrumentais, senão que constituem elementos de forte

potencialidade moralizante, mantendo uma relação intrínseca com noções veiculadas quanto à conteúdos e valores éticos e morais de uma época (OSSANNA, 2002). O caderno de Rosa, neste sentido, é emblemático.



Uma página do caderno de caligrafia de Rosa Maria Ramos com frase cívica e frase moralizante (1943)

Os cadernos de caligrafia pertencentes a Gladis Renate Weimer, por sua vez, são constituídos por dois conjuntos distintos, a saber: 1) cadernos destinados à alfabetização em

alemão, aprendido sob orientação de professora particular; 2) cadernos de alfabetização em português, utilizados no curso primário de tradicional escola da capital, o Colégio Farroupilha⁹.

O primeiro conjunto, das aulas de alemão, é composto de nove cadernos, e foram guardados atados por um elástico, tendo à frente o caderno com espiral. Os cadernos são de diferentes formatos (quatro são de linhas – para cada duas largas há uma estreita, em que o aluno escreve; cinco são quadriculados - três com duas linhas estreitas demarcando a folha a cada três quadriculas; dois com quadriculas pequenas); procedências (Caderno nº 40, da Livraria Gutenberg (1); Tipografia Mercantil Ltda (2); Casa Krahe Ltda (1); três com etiqueta do Colégio Farroupilha – Caderno C. F. 2; um caderno encapado com papel vermelho; um caderno com espiral); número de páginas (os cadernos têm 16 páginas, com exceção dos quadriculados que têm 50 páginas); anos (três de 1952, três de 1953, um de 1954 e três de 1955); apresentação (somente dois são encapados, um com papel grosso azul e outro com papel vermelho).

⁹ Fundado em 1886, é considerado, até a atualidade, uma das mais respeitadas instituições de ensino particular da cidade, tendo a disciplina e a organização como suas marcas distintivas.



Coleção de Cadernos de Alfabetização em Alemão de Gladis Renate Weimer (1952-1955)

Deste primeiro conjunto, os cadernos de 1952 são os mais ricos para o estudo da caligrafia. Possuem, em cada página, ilustrações correspondentes às letras e palavras que estão sendo aprendidas e exercitadas. Os demais trazem ditados¹⁰, cópias e escritos variados e correspondem aos anos de 1953 a 1955.

Os cadernos de 1952, das aulas de alemão, correspondem ao início da alfabetização naquela língua. Constan de exercícios de caligrafia, das letras do alfabeto em minúsculas e maiúsculas, e a escrita de palavras correspondentes à letra aprendida. Para cada página, todas numeradas, há o estudo de uma letra e palavra, com desenhos da aluna - a letra em maiúscula e o desenho do objeto correspondente. Por exemplo, para a letra G, a aluna desenhou dois gansos para a palavra Gans, escrita pela professora. Além do desenho, a aluna decorou as páginas com gregas de efeito

¹⁰ Nos cadernos de ditado há sempre a correção da professora, com lápis de cor vermelha, e as notas, correspondentes a três elementos avaliados: fehler (erro) note (nota), lessen (leitura).

decorativo, algumas vinculadas à letra ensinada. Toda a página do caderno é preenchida pela aluna. A professora dá, para cada letra, uma nota. Ao final do caderno espiral, encontra-se o alfabeto em maiúscula (em dois tipos - script e cursiva) e minúscula.

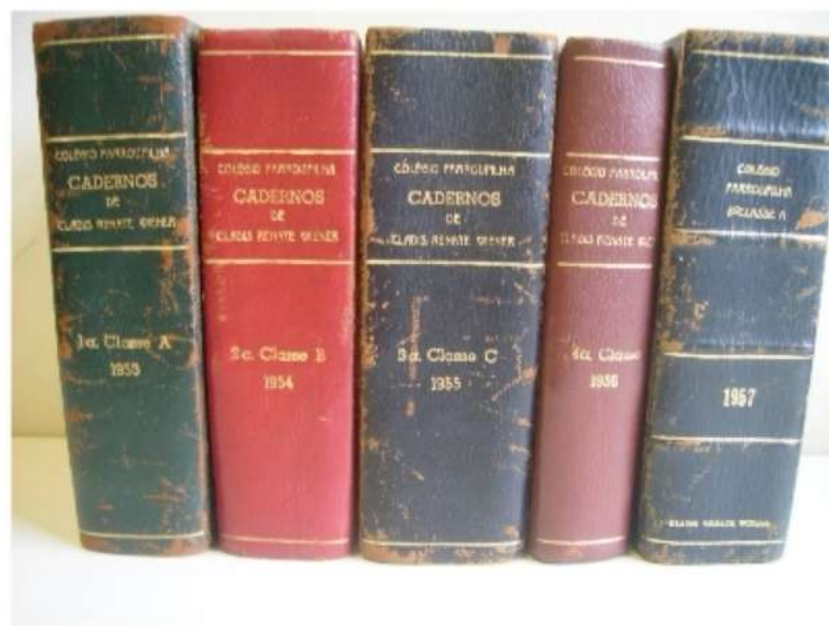


Alfabeto do caderno de caligrafia de Gladis Renate Weimer (1953)

O segundo conjunto é constituído pelos cadernos de alfabetização em português, utilizados na escola primária regular. Atualmente, encontram-se encadernados em um volume único com todos os cadernos utilizados pela aluna no primeiro ano primário, iniciado em 1953¹¹. Os cadernos

¹¹ Sobre o conjunto de cadernos do ensino primário da aluna, ver Bastos (2008).

da primeira série são identificados como C.F.1 (Colégio Farroupilha 1), são quadriculados grandes (em torno de 1 cm), com duas linhas estreitas separando-os; C.F.2 – caderno de caligrafia quadriculado (três linhas quadriculadas pequenas, com duas linhas estreitas divisórias), utilizado para todas as atividades, para o adestramento motor e obtenção de uma “boa letra”, clara e legível¹². Também os cadernos de Gladis trazem o registro da avaliação da professora e a caligrafia é avaliada no boletim escolar em todos os trimestres das quatro séries do ensino primário.



Coleção de Cadernos de Gladis Renate Weiner do Curso Primário no Colégio Farroupilha (1953-1957)

¹² O quadriculado/quadricula ou a “rede estigmográfica” foi usado em larga escala na Áustria, no século XIX (TRINCHÃO, 2008, p. 205).

Na primeira série, quando a caligrafia parece ter tido centralidade nas práticas escolares, foram preenchidos nove (cadernos), em um total de vinte (20) encadernados. Na primeira e segunda série, os cadernos são preenchidos com lápis pretos e coloridos; no último trimestre (setembro) da segunda série, constam alguns trabalhos escritos com caneta tinteiro; a partir da terceira série, o uso de caneta tinteiro é exclusivo e obrigatório.



Exercícios de caligrafia de Gladis Renate Weimer (1953)

Dentre o conjunto de cadernos utilizados na terceira série primária, encontra-se um caderno de caligrafia, escrito com caneta tinteiro, que exige destrezas, práticas e apresentação diferenciadas do uso do lápis. Como uma espécie de gramática discursiva (GVIRTZ, 1997), cada página apresenta a data da tarefa, a identificação – Caligrafia -, e o exercício caligráfico

correspondente a uma letra do alfabeto, na forma maiúscula e minúscula, e a cópia de uma frase, em três vezes, com ênfase na letra de referência. Por exemplo, para a letra A/a, a frase é: “Amália vai ao Amazonas”; para a letra B/b: “Breno botou o barco na bacia”, e assim sucessivamente. Na letra G/g, a frase é sugestiva, pois remete à letra do nome da aluna – “Gladis ganhou uma goiaba”. Além dessa atividade recorrente, no caderno há textos (quatro), que são identificados como caligrafia ou cópia simplesmente. Esses textos, que ocupam duas páginas do caderno, são de temáticas da área de geografia e história do Brasil. O caderno inicia com a data de 16 de março de 1955, com a letra A/a, e termina no dia 24 de novembro de 1955, com as letras P/p e Q/q. A data indica que as aulas de caligrafia eram sempre as quintas-feiras. Nesse caderno, não há nenhuma marca do professor. Observe-se, na descrição acima, o grau de complexidade que vai acompanhando os exercícios de caligrafia no avançar dos anos do primário, assim como a sua persistência neste nível de ensino.

Também os cadernos de Matemática, em número de cinco, no primeiro ano, apresentam exercícios de caligrafia para os números, começando pela grafia ascendente dos mesmos: do 1 ao 9. O lápis preto é sempre utilizado, assim como os lápis de cor. Para a execução dos exercícios de soma e subtração, são incluídas representações, através de desenhos pintados, cuidadosamente traçados nos próprios espaços das quadrículas, de bolinhas, dados com os números correspondentes, imagens de frutas, cestas, etc. Registre-se que nos diferentes cadernos de Gládis há a presença constante de desenhos à mão, feitos pela aluna. Pedagogos e teóricos, no

passado, consideravam que havia uma relação de identificação muito forte entre a caligrafia e o desenho. Para a prática escrituraria escolar recomendavam a adoção do desenho nas classes primárias, pois sustentavam que “exercitando o olho na percepção das formas, e a mão em imitá-las, o desenho facilita a aprendizagem da caligrafia”, pois esta “não é mais que um desenho linear reduzido a poucas linhas como elemento das letras” (TORRES, 1886, apud OSSANNA, 2002, p.216). Note-se, ainda, que os cadernos evidenciam a concepção pedagógica de que as seqüências de aprendizagem da escrita estavam relacionadas com as dificuldades ou facilidades de realização do desenho (Ibid.).



Páginas do Caderno de Matemática de Gladis Renate Weimer (1953)

Embora seja imperativo reconhecer que a aprendizagem escolar da escrita marca a prática de escrever do sujeito por toda sua vida (OSSANNA, 2002, p.220), manifestando um habitus escolar, não se pode universalizar seus efeitos. Pelo treino e repetição, a escola pretendeu produzir uma escrita uniforme, considerada pelos cânones de cada época como aquilo que se julgava uma letra bela ou, simplesmente, uma letra aceitável. Mesmo assim, a caligrafia pode ser pensada como trabalho de escritura que, igualmente, permite, uma vez adquiridas as competências gráficas, uma apropriação diferencial de seu uso e suas formas, podendo mesmo levar à criação de estilos singulares, inspiradores de novos modos de grafar, apesar e para além das técnicas rígidas do dispositivo escolar. Assim é que desde os escribas, passando pelos escrivães públicos, ou por aqueles que foram alunos, as escrituras não são uniformes, invariáveis, constantes. Nos vestígios que indiciam a própria história de vida de um mesmo sujeito, no decorrer do tempo, há marcas de diferentes estilos e modos de sua escrita por ele adotados ou criados.

Gládis, assim como Rosa, certamente não se reconhecem, hoje, nas escritas que suas mãos e mentes inscreveram nas páginas dos cadernos examinados. Reconhecem-se, contudo, nos registros evocadores de múltiplas memórias das experiências escolares e de suas infâncias, guardados cuidadosamente na materialidade de seus cadernos de caligrafia e de suas escrituras.

Magia do escrever, memórias da infância

Nos anos iniciais de minha escolarização, meus cadernos eram muito valorizados pela minha família. Sempre encapados, eram cuidados; funcionavam como um cartão de visita da família, pois quase sempre eram exibidos às pessoas que recebíamos em casa. Nossa produção escolar era naturalmente comentada quando demonstrava sucesso. Aos poucos, fui percebendo que minha letra se assemelhava à de minha mãe, e eu gostava disso. Aliás, as letras das minhas irmãs também assumiram seu estilo: redonda, uniforme, bem traçada e inteligível. Meus trabalhos escritos eram muito elogiados pelo capricho de sua apresentação também pelas minhas professoras. Creio que os quase diários exercícios de caligrafia, em caderno de linha dupla colaboravam para isso. Além disso, outra contribuição a essa qualificação foram os “modernos castigos escritos”, que substituíram os físicos, com frases moralizantes que eram repetidas em número proporcional à gravidade da falta cometida. Era um mecanismo para a fixação do comportamento esperado. Eram sempre iniciadas com “Devo... fazer isso ou aquilo”, acompanhados da exigência de uma letra cuidada e caprichada; caso contrário, tudo devia ser refeito. A sintonia entre a escola e a minha família também se expressava pela utilização desse tipo de procedimento. (Neusa-1941; Só quer brincar de professora! apud TRINDADE, 2007, p.171-2)

Nossas reminiscências do tempo em que éramos crianças ou jovens, sobretudo estudantes, registram aspectos significativos do cotidiano, das práticas e da cultura escolar. Entre eles, muitas vezes, conservamos nossos cadernos ou a recordação deles, registros preciosos de uma época e

de um momento de vida. Grunstein (2007, p.5) afirma que para “o aluno a magia da escrita permanece, é eterna como a infância”.

Os cadernos¹³, tomados como escritas ordinárias¹⁴, são *ego-documentos* que expressam uma memória da educação escolarizada e permitem refletir sobre a cultura escolar, os saberes e práticas educativas desenvolvidas no processo de formação de sujeitos nas décadas de 1940 e 1950. Produzem memórias e integram um conjunto de práticas de civilidade que, no cotidiano escolar, expressavam a necessidade de aquisição da norma social urbana e culta.

O século XXI anuncia para a “escola do futuro” que o quadro negro, os cadernos e os lápis, assim como os modos de fazer a eles relacionados, serão, brevemente, objetos de museus. As novas tecnologias estão substituindo, gradativa e aceleradamente, esses utensílios escolares e seus usos, seja pelo computador, seja pela lousa e mesa digital. Olhos e mãos serão ressignificados, assim como todos os gestos que incitam e as práticas escolares que os ensinam. Para além de uma linha de continuidade, seja dos cadernos ou da caligrafia, impõe-se, examinando-os em suas diferenças históricas, observar e compreender seus engendramentos e novas direções no presente, ou melhor, no tão breve futuro que se nos anuncia.

¹³ Sobre estudos com cadernos escolares ou de classe, ver Gvirtz (1997), Mignot (2005, a, b, c) e Mignot e Veiga (2008).

¹⁴ Sobre as escritas ordinárias, ver Hébrard (2000).

Referências bibliográficas

- ALEXANDRE-BIDON, Danièle et alii (Org.). *Le Patrimoine de l'Éducation Nationale*. Charenton-le-Pont : Ed.FHOLIC, 1999.
- BASTOS, M.H.C. Do quadro-negro à lousa digital: a história de um dispositivo escolar. *Cadernos de História da Educação*. Uberlândia, n. 4, 2005.p.133-142.
- _____. Relíquias escolares: uma vida em cadernos. Um campo de pesquisa da cultura escolar. In: PASSEGI, M.da C.; SOUZA; E.C.de; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.) *Pesquisa (Auto)Biográfica e Práticas de Formação*. Natal: Paulus; EdUFRGN, 2008. (no prelo)
- CAHIER d'Initiation à la Calligraphie. França: Brause, s/d.
- CALLIGRAPHE cahier. França: Clairefontaine, s/d (32 p)
- CHARTIER, Anne-Marie. *Práticas de leitura e escrita. História e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2007.
- CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Christiane; HÈBRARD, Jean. *Lire et écrire*. 2. Produire des textes. Paris: Hartier Pédagogique, 1998.
- COSTE, Julie. Les cahiers au feu. *Nouvelle Observateur*. Cahier TéléObservateur. Paris, semaine du 18 a 24 juin 2008. p.47.
- CRUNSTEIN, Rachel; MÉROU, Henri; PECNARD, Jérôme. *Cahiers d'écriture*. Paris : Les Arènes, 2007.
- CURSO Graduado de Letra Manuscripta composto para uso da Mocidade Brasileira por um Rio-grandense. Porto Alegre: Editores-Proprietários Selbacha & Cia, 1915. 107 p.
- GAULUPEAU, Yves. *Lire, écrire, compter*. 2000 ans d'alphabétisation. Paris: INRP/Musée National de l'éducation, 1981.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; GASTAUD, Carla Rodrigues. Traços do tempo. Caligrafia, formas e sentidos. In: *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Percursos e Desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação. Uberlândia: UFU, 2006. CdRom.

GUIMARÃES, Orestes. Parecer sobre a Adopção de Obras Didacticas apresentado ao Excellentíssimo Sr. Coronel Vidal José de Oliveira Ramos – D. D. Governador do Estado de Santa Catharina, pelo professor contractado Orestes de O. Guimarães. Florianópolis: Gabinete da Typographia D'O Dia, 1911. 27p.

GVIRTZ, Silvina. *Del curriculum prescripto al curriculum enseñado*. Buenos Aires: Aique, 1997.

HÈBRARD, Jean. Por uma bibliografia das escritas ordinárias. O espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*. SBHE, n.1, janeiro/junho 2001, p.115-141.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. A Pratica pedagogica. *Revista de Educação*. vol. II – Fase 1, maio de 1922. P.50-60.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça*. O lado noturno das luzes. Campinas/SP: UNICAMP, 1999.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Tangenciando imagens: bastidores da produção dos suportes da escrita. In: ALVES, N.; BARRETO, R.G.; OLIVEIRA, I.B. (Org.). *Pesquisa em educação métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005a. p. 177-188.

_____. Por trás do balcão: os cadernos da Coleção Cívica da Casa Cruz. In: STEPANOU, M.; BASTOS, Maria H. C. *Coleção histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005b. p. 363-379.

_____. Cadernos escolares nos traços de Manuel Mora. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINOAMERICANA E DO CARIBE, 2005, Quito. *Anais...* Quito, Equador, 2005c. CdRom.

MIGNOT, Ana Chrystina V.; BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Teresa S. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

MIGNOT, Ana Chrystina V.; VEIGA, Roberta Lopes de. Um Rio para estudante ver: engenhosidades na produção de cadernos escolares. *Revista de História da Educação*, Pelotas, ASPHE/UFPel, v.12, n.24, jan./abr.2008. No prelo.

- NOUVELLE Méthode d'écriture – droite, anglaise, batarde, ronde, gothique, etc... Edité par J. Herbin depuis 1670. Paris : J. Herbin, 2002.
- OSSANNA, Edgardo O. El problema de la letra en la escritura : la escuela entrerriana a comienzos del siglo XX. In : CUCUZZA, R. (dir.) ; PINEAU, P. (codir.) et alii. *Para una historia de la enseñanza de la lectura y escritura en Argentina*. Buenos Aires : Miño y Dávila editores ; Universidad Nacional de Luan ; 2002. p . 213-228.
- PALMER, A.N. *Método Palmer de Caligrafia Comercial*. Nueva York: The A.N.Palmer Company, s/d.
- REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas Recordações*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. 2ª edição.
- SCLIAR, Moacyr. *Na noite do ventre, o diamante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SECRETT, Claire. *Caligrafia: técnicas e modelos*. Madrid, Susaeta Ediciones, 1998.
- SOUZA, Maria Elisa; LOBO, Rui. *Nos caminhos da escrita*. Cadernos Caligráficos 1, 2 e 3. Nível inicial de aprendizagem. Porto: Porto Editora, 2005.
- TRINDADE, Iole Maria Faviero. *Identidades Alfabetizadas*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Relatório de pesquisa).
- TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. *O desenho nas escolas luso-brasileiras: a história da disciplina a partir dos livros didáticos oitocentistas*. 2008. 494 f. Tese (Doutorado em educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: UNISINOS, 2008.
- VIDAL, Diana Gonçalves. *Culturas Escolares*. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). São Paulo: Autores Associados, 2005.
- VIÑAO FRAGO, A. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Madrid: Morata, 2002.
- _____. *Leer y escribir. Historia de dos prácticas culturales*. México: Fundación Educación, voces y vuelos, I.A.P., 1999.
- VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. *Da Palmatória à Lanterna Mágica: A Escola Normal da província do Rio de Janeiro entre o artesanato e a formação profissional (1868-1876)*. São Paulo: FE/USP, 2002. Tese (Doutorado em Educação). 291 p. + anexos

VINCENT, Guy. *L'éducation prisonnière de la forme scolaire? Scolarisation et Socialization dans les sociétés industrielles*. Lyon: PUFLyon, 1980.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n.33, jun.2001 p. 7-48.